Primeiras lições de moral da infância

Foto de samer daboul: https://www.pexels.com/pt-br/foto/fotografia-de-criancas-felizes-1815257/

Quem já se aventurou a conhecer um pouquinho mais da história de Allan Kardec, sabe que ele foi educado pelo método de Pestalozzi, sendo um de seus mais exemplares discípulos. Para seu mestre, a educação deve ser pautada pelos princípios da fraternidade e do amor, afastada dos conceitos de pecado e castigo, o que moldou demais a forma de pensar de Kardec, que, depois, se fundamentou ainda mais plenamente pelo Espiritualismo Racional e, posteriormente, pelo Espiritismo. Sabemos também que o caráter investigativo e humilde do professor Rivail também foi formado basilarmente por essa educação, pautada pela exploração das ciências naturais através do método científico, e isso, é claro, explica muito a maneira pela qual ele agia frente ao Espiritismo.

Tudo isso – a fraternidade, o aprendizado pelos princípios morais do bem e das leis de Deus, a caridade desinteressada, que é fruto desse aprendizado, a humildade, que nasce do coração daquele que jamais toma por princípio que a sua palavra é a última, enfim, tudo aquilo que está encerrado na metodologia pestalozziana – dá base a uma educação de muito melhor qualidade, desde os primeiros passos do ser humano sobre a Terra. Ela é, não hesito em dizer, uma das maiores ferramentas para a (trans)formação da sociedade, complementada grandemente pelo entendimento das leis que o Espiritismo veio demonstrar. As duas, juntas, têm o maior poder de, desde a infância, impedir a instalação ou o desenvolvimento dos mais danosos hábitos para o indivíduo e para a sociedade – o egoísmo e o orgulho – mas, até hoje, nenhuma delas ganhou o espaço merecido, por conta do apego humano aos falsos conceitos que, de cara, parecem agradar, mas que, no fundo, causam apenas infelicidade e atraso.

Para exemplificar tudo isto, nada melhor do que reproduzir, na íntegra, o conteúdo do artigo homônimo de Allan Kardec, apresentado na Revista Espírita de fevereiro de 1864.

> *De todas as chagas morais da Sociedade, parece que o egoísmo é a mais difícil*

de desarraigar. Com efeito, ela o é tanto mais quanto mais é alimentada pelos próprios hábitos da educação. Parece que se toma a tarefa de excitar, desde o berço, certas paixões que mais tarde tornam-se uma segunda natureza. E admiram-se dos vícios da Sociedade, quando as crianças o sugam com o leite. Eis um exemplo que, como cada um pode julgar, pertence mais à regra do que à exceção.

Numa família de nosso conhecimento há uma menina de quatro a cinco anos, de uma inteligência rara, mas que tem os pequenos defeitos das crianças mimadas, isto é, é um pouco caprichosa, chorona, teimosa, e nem sempre agradece quando lhe dão qualquer coisa, o que os pais cuidam bem de corrigir, porque fora esses defeitos,segundo eles, ela tem um coração de ouro, expressão consagrada. Vejamos como eles se conduzem para lhe tirar essas pequenas manchas e conservar o ouro em sua pureza.

Um dia trouxeram um doce à criança e, como de costume, lhe disseram: "Tu o comerás se fores boazinha". Primeira lição de gulodice. Quantas vezes, à mesa, não dizem a uma criança que não comerá tal petisco se chorar. "Faze isto, ou faze aquilo", dizem, "e terás creme" ou qualquer outra coisa que lhe apeteça, e a criança se constrange, não pela razão, mas em vista de satisfazer a um desejo sensual((Desejo dos sentidos)) que a aguilhoa.

É ainda muito pior quando lhe dizem, o que não é menos frequente, que darão o seu pedaço a uma outra. Aqui já não é só a gulodice que está em jogo, é a inveja. A criança fará o que lhe dizem, não só para ter, mas para que a outra não tenha. Querem dar-lhe uma lição de generosidade? Então lhe dizem: "Dá esta fruta ou este brinquedo a fulaninho". Se ela recusa, não deixam de acrescentar, para nela estimular um bom sentimento: "Eu te darei um outro", de modo que a criança não se decide a ser generosa senão quando está certa de nada perder.

Certo dia testemunhamos um fato bem característico neste gênero. Era uma criança de cerca de dois anos e meio, a quem tinham feito semelhante ameaça, acrescentando: "Nós o daremos ao teu irmãozinho, e tu ficarás sem nada." Para tornar a lição mais sensível, puseram o pedaço no prato do irmãozinho, que levou a coisa a sério e comeu a porção. À vista disso, o outro ficou vermelho e não era preciso ser nem o pai nem a mãe para ver o relâmpago de cólera e de ódio que partiu de seus olhos. A semente estava lançada: poderia produzir bom

grão?

Voltemos à menina, da qual falamos. Como ela não se deu conta da ameaça, sabendo por experiência que raramente a cumpriam, desta vez foram mais firmes, pois compreenderam que era necessário dominar esse pequeno caráter, e não esperar que com a idade ela adquirisse um mau hábito. Diziam que é preciso formar cedo as crianças, máxima muito sábia e, para a pôr em prática, eis o que fizeram: "Eu te prometo, disse a mãe, que se não obedeceres, amanhã cedo darei o teu bolo à primeira menina pobre que passar." Dito e feito.

Desta vez queriam manter a promessa e dar-lhe uma boa lição. Assim, no dia seguinte, de manhã, tendo visto uma pequena mendiga na rua, fizeram-na entrar e obrigaram a filha a tomá-la pela mão e ela mesma lhe dar o seu bolo. Então elogiaram a sua docilidade. Moral da história: A filha disse: "Se eu soubesse disto teria me apressado em comer o bolo ontem." E todos aplaudiram esta resposta espirituosa. Com efeito, a criança tinha recebido uma forte lição, mas de puro egoísmo, da qual não deixará de aproveitar-se uma outra vez, pois agora sabe quanto custa a generosidade forçada. Resta saber que frutos dará mais tarde esta semente quando, com mais idade, a criança fizer a aplicação dessa moral em coisas mais sérias que um bolo.

Sabe-se todos os pensamentos que este único fato pode ter feito germinar nessa cabecinha? Depois disto, como querem que uma criança não seja egoísta quando, em vez de nela despertar o prazer de dar e de lhe representar a felicidade de quem recebe, impõem-lhe um sacrifício como punição? Não é inspirar aversão ao ato de dar e àqueles que necessitam?

Outro hábito, igualmente frequente, é o de castigar a criança mandando-a comer na cozinha com os criados. A punição está menos na exclusão da mesa do que na humilhação de ir para a mesa dos serviçais. Assim se acha inoculado, desde a mais tenra idade, o vírus da sensualidade, do egoísmo, do orgulho, do desprezo aos inferiores, das paixões, numa palavra, que com razão são consideradas como as chagas da Humanidade.

É preciso ser dotado de uma natureza excepcionalmente boa para resistir a tais influências, produzidas na idade mais impressionável, na qual não podem encontrar o contrapeso nem da vontade, nem da experiência. Assim, por pouco que aí se ache o germe das más paixões, o que é o caso mais ordinário, dada a

natureza da maioria dos Espíritos que se encarnam na Terra, ele não pode deixar de desenvolver-se sob tais influências, ao passo que seria preciso observar-lhe os menores traços para reprimi-los.

A falta, sem dúvida, é dos pais, mas é preciso dizer que muitas vezes estes pecam mais por ignorância do que por má vontade. Em muitos há, incontestavelmente, uma culposa despreocupação, mas em muitos outros a intenção é boa, no entanto, é o remédio que nada vale, ou que é mal aplicado.

Sendo os primeiros médicos da alma de seus filhos, os pais deveriam ser instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de cumpri-los. Não basta ao médico saber que deve procurar curar, é preciso saber como agir. Ora, para os pais, onde estão os meios de instruir-se nesta parte tão importante de sua tarefa? Hoje dá-se muita instrução à mulher; fazem-na passar por exames rigorosos, mas algum dia foi exigido da mãe que soubesse como fazer para formar o moral de seu filho?

Ensinam-lhe receitas caseiras, mas foi iniciada aos mil e um segredos de governar os jovens corações?

Os pais, portanto, são abandonados sem guia à sua iniciativa. É por isto que tantas vezes seguem caminhos errados. Assim recolhem, nos erros dos filhos já crescidos, o fruto amargo de sua inexperiência ou de uma ternura mal compreendida, e a Sociedade inteira lhes recebe o contragolpe.

Considerando-se que o egoísmo e o orgulho são reconhecidamente a fonte da maioria das misérias humanas; que enquanto eles reinarem na Terra não se pode esperar nem paz, nem caridade, nem fraternidade, então é preciso atacá-los no estado de embrião, sem esperar que fiquem vivazes.

Pode o Espiritismo remediar esse mal? Sem dúvida nenhuma, e não hesitamos em dizer que ele é o único suficientemente poderoso para fazê-lo cessar, pelo novo ponto de vista com o qual ele permite perceber a missão e a responsabilidade dos pais; dando a conhecer a fonte das qualidades inatas, boas ou más; mostrando a ação que se pode exercer sobre os Espíritos encarnados e desencarnados; dando a fé inquebrantável que sanciona os deveres; enfim, moralizando os próprios pais. Ele já prova sua eficácia pela maneira mais racional empregada na educação das crianças nas famílias verdadeiramente espíritas. Os novos horizontes que abre o Espiritismo fazem ver as coisas de

> *outra maneira. Sendo o seu objetivo o progresso moral da Humanidade, ele forçosamente deverá iluminar o grave problema da educação moral, primeira fonte da moralização das massas. Um dia compreender-se-á que este ramo da educação tem seus princípios, suas regras, como a educação intelectual, numa palavra, que é uma verdadeira ciência. Talvez um dia, também, será imposta a toda mãe de família a obrigação de possuir esses conhecimentos, como se impõe ao advogado a de conhecer o Direito.*

Kardec dá todo o peso à responsabilidade que temos perante as crianças e seus hábitos. O Espiritismo mostra a origem das tendências inatas infantis, mas demonstra, também, que o Espírito encarnado numa criança pode não ser forte, ainda, para resistir a um mau hábito que seus pais ou cuidadores lhes ensinem desde os primeiros passos. Criam-se, assim, imperfeições que muito poderão custar a serem vencidas…

Comumente, na carne, o fruto dessas imperfeições levará esses a perguntarem: "o que foi que eu fiz para merecer isso?", ou então "onde foi que eu errei?". Contudo, basta que a razão fale um pouquinho mais alto à consciência para que se joguem em pesadas lamentações, nascidas do fruto da constatação de que o sofrimento pelo qual o filho poderá ter passado não só por uma, mas por muitas vidas terrestres, se originou, senão em tudo, mas ao menos em parte, na primeira semente lançada e cultivada por aqueles que lhes deveriam auxiliar a se desenvolver sob a moral do bem, e não a dele se afastarem.

Portanto, pais e cuidadores, muito mais atenção para com os Espíritos que Deus lhes confiou como filhos. Serão as suas próprias consciências, e não Deus, quem vai lhes cobrar, amanhã…